Academicídio (os riscos do produtivismo nas universidades do Paraná)

Raymundo de Lima*

Foi noticiado que a Universidade Estadual de Maringá (UEM) ocupa o 1º lugar no ranking das melhores universidades do Paraná, pelo segundo ano consecutivo; a 20ª posição no ranking nacional, conforme a Capes, e a 17ª em produção de artigos científicos publicados. A Universidade Estadual de Londrina (UEL) é 23ª, com 632 artigos.

Essas conquistas são motivo de orgulho para professores, funcionários e alunos, mas também despertam preocupações e ansiedades, principalmente entre os professores-pesquisadores que hoje convivem com estresse ocupacional e seus efeitos patológicos.

Nas universidades estatais do Paraná, hoje, os professores-pesquisadores sentem-se pressionados para produção de artigos científicos, darem conta de orientações (TCC[1], PDE[2], especialização, mestrado, doutorado), pareceres para editoras, participar de conselhos, comitês, reuniões, debates, grupos de pesquisa, ministrar palestras, conferências, bancas dentro e fora da instituição, além das aulas presenciais e a distância.

Há pressões externas e internas para assumirmos programas de formação: PDE, Parfor, Universidade Sem-fronteira, Universidade da 3ª. Idade, Pibic, todos com "bolsa-dinheirinho"que não contam como encargos normais. É preciso, ainda, estar atualizado com as novas publicações, saber sobre as tendências teóricas e metodologias, as políticas públicas que envolvem a universidade com a cidade, a região e a nação. Internamente, também é preciso ficar alerta para com as manobras dos cumpinchados político-ideológicos e dos espíritos de porco ansiosos para prejudicar os supostos inimigos. Sobretudo, quando o cumpinchado atua em grupo, ora impondo sua visão de mundo sobre os alunos em vez de levá-los a pensar criticamente a realidade,ora atuando para ocupar os espaços políticos da instituição. (Esse mecanismo é estudado pelos adeptos da Escola de Frankfurt, em laço com as idéias da psicanálise). No ambiente universitário o "narcisismo das

[1] Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).
[2] Programa de Desenvolvimento Educacional-PDE, do Paraná, é o nome do modelo de formação continuada do pelo governo Requião. Não deve ser confundido com o PDE do governo federal-Lula.

pequenas diferenças"[3] causa mais rixas e ódio e danos morais do que o debate acadêmico genuíno pautado nas idéias e ações verdadeiras e objetivadas.

Na atual universidade produtiva somos reféns do "publica ou morre", do sistema "qualis" das revistas acadêmicas, dos avaliadores e rankings. Professores afastados do trabalho regular para doutoramento também são pressionados para cumprir prazos e investir na boa qualidade do texto final, e, depois, se preparar para voltar à rotina competitiva.

Nem sempre o novo doutor, mordido pela pesquisa e pela vaidade da tese, resgata prazer na docência. Os efeitos colaterais de sua tese estão no corpo, na mente, e no sentido existencial (ler crônica de Mario Prata, o livro de Esther Freitas/FGV, e a carta-desabafo de Ângela Siqueira/UFF).

Ainda que seja contra o neoliberalismo e a globalização, na academia, todos acumulam um capital simbolizado e contabilizado no Currículo Lattes. Se a escola é um-lugar-sem-desejo (Grossi), a universidade se tornou um lugar de teste contínuo de nossa produção acadêmica, mcdonaldizada e contabilizada.

Nascida no séc.XII, a universidade só assume o *metron* da ciência no séc.XIX, que impôs a repressão dos afetos-emoções e a atual hipervalorização da razão instrumental. A universidade hoje é meritocrática, branca e elitista. "No Brasil, quantas são as pessoas oriundas de famílias dos meios populares que foram bem-sucedidas na escola e, hoje, lecionam em universidades?"(Charlot).

O darwinismo universitário produz especialmente "vencedores": arrogantes, sádicos, carreiristas e narcisistas do Lattes; e "fracassados", ressentidos, masoquistas, deprimidos e paranóicos. A universidade pública ou particular, produtiva, não é lugar para se fazer amizades autênticas, mas sim, conviver num grupo narcísico de ensino-pesquisa, que, no fundo, reproduz crenças e hábitos semelhantes às seitas religiosas (P.Burke).

Antigamente, a verbosidade dos professores camuflava seu baixo 'esclarecimento' (Kant), hoje o 'pesquisismo' nas humanidades dá lugar à 'patologias do saber' (H.Japiassu), com falas e escritos sustentados com argumentos de autoridade e outras falácias. O tom apocalíptico desses discursos causa mal-estar nos ouvintes mais ingênuos. "As pessoas são mais felizes na igreja do que na academia", observa P. Demo, em *Dialética da felicidade* – 3 (Vozes).

O pluralismo teórico-metodológico, o respeito às várias tendências do pensamento e ação, devem ser valores máximos da universidade. O ócio (nada a ver com preguiça) também é imprescindível para sermos verdadeiramente criativos e ousados na pesquisa, e versáveis no ensino e na extensão.

A universidade não vai aonde o povo está. Trinta anos trabalhando em instituições de nível superior, hoje, deparo-me com colegas desencantados e ficam deprimidos quando são discriminados pelos colegas porque não

[3] Narcisismo das Pequenas Diferenças, por definição, diz: é quando a diferença é pequena, e não quanto é acentuada, que o outro se torna alvo de intolerância. Assim, um grupo produz seu outro partir do qual forja sua própria identidade eliminando as diferenças internas, fabricando uma unidade fictícia com o objetivo de perpetuar sua dominação e ilusão de unidade interna do seu grupo. Esse termo foi cunhado pela primeira vez por S. Freud, em *Mal-Estar na Civilização*.

possuem um "currículo suficientemente bom".

Produtivismo, carreirismo acadêmico, corporativismo, democratismo, cinismo, assédio moral e nossa incapacidade de dizer não, contribuem para universidade pública/estatal caminhar em "ritmo de barbárie"(Giannotti), que, não raro, resulta em alguns auto-homicídios. E, assim, nossas rãs subjetivas vão sendo cozidas em fogo brando do *burnout* acadêmico. Cadê os sindicatos?

Referências

BURKE, Peter. "**Seitas e igrejas na história do conhecimento**". In*: Folha de S. Paulo.* 27/08/2000.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: elementos p/ uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

GIANNOTTI, E. **A universidade em ritmo de barbárie**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

GROSSI, Esther. **Uma escola sem desejo**. Cf. OZAI, Antonio. **A corrida pelo Lattes:** http://www.espacoacademico.com.br/046/46pol.htm (REA, n. 46, março 2005).

JAPIASSU, H. **Desistir do pensar? Nem pensar!** São Paulo: Letras&Letras, 2001.

KANT, I. **Resposta à pergunta: Que é "Esclarecimento"? (Aufklälung)** – 05 de dezembro de 1783. Textos Seletos. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1885.

* **RAYMUNDO DE LIMA é** Mestre em Psicologia Escolar (UGF) e Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP); professor do Depto. Fundamentos da Educação, na área de Metodologia da Pesquisa, da Universidade Estadual de Maringá (UEM)